

PARA ALEM 2,00 DAS REIVINDICAÇÕES

MARIA VALNÊ ALVES



SÉRIE ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES
Nº3 AGOSTO ANO 1984



CENTRO "AÇÃO COMUNITÁRIA - CEDAC

Introdução

1.0. O que é a luta de resistência e pressão popular

1.1. Exemplos de luta de resistência e pressão popular

1.2. O papel da luta de resistência e pressão popular

LUTAS DE RESISTÊNCIA

E

PRESSÃO POPULAR

NO

PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

2.0. Resistência e Pressão - Força de Mudança

3.0. Assistência Social - Reformismo - Mudança

3.1. Linha de Assistencialismo

3.2. Linha de Reformismo

3.3. Linha de Mudança

4.0. Como Viabilizar a Direção das Lutas

4.1. Lutas - Características de Ação

INDICE

Introdução	7
1.0. Formas de Resistência e Pressão Popular	11
2.0. Um Exemplo de Resistência e Pressão Popular: Reivindicação de Água	13
3.0. Aspectos Relevantes nas Experiências de Resistência e Pressão Popular	15
3.1. Níveis de Participação	15
3.2. Passos da Experiência	18
3.3. Gestão da Conquista	19
3.4. "Digestão" da Derrota	20
4.0. Resistência e Pressão - Força de Mudança	22
5.0. Assistencialismo - Reformismo - Mudança	26
5.1. Linha do Assistencialismo	28
5.2. Linha do Reformismo	29
5.3. Linha da Mudança	31
6.0. Como Viabilizar a Superação das Experiências - Estratégia de Ação	33

6.1. Olhar Longe e Ver Fundo	34
6.2. Atacar o Inimigo	36
6.3. Encontrar Caminho e Luz - Formação e Informação	38
6.4. Reivindicação Sim... Mas Reivindi- car Bem !	40
6.5. O Mutirão em Questão	42
6.6. Política de Procissão?...Essa Não!	45
6.7. Trabalho de Garimpeiro	46
6.8. Isolamento é Derrota Certa	48
6.9. Não Perder a Identidade	49
6.10. Não Renegar o Passado	52
6.11. Somos Seres Humanos	54
7.0. Conclusão	55

INTRODUÇÃO

Em um Seminário, onde participantes dos Movimentos Populares avaliavam suas experiências, foi afirmada, com grande frequência, a constatação um tanto desanimadora de que "a gente mobiliza, reivindica, faz boas conquistas... e pára..."

Em um outro, constatou-se que a maioria dos partitipantes "está satisfeita com o fato de estar engajada na luta, mas não está satisfeita com os resultados em termos de organização e de perspectivas - os caminhos não são claros".

Isto põe o problema da relação entre a força de resistência e pressão e a força de mudança nos Movimentos Populares. Qual o objetivo da resistência e/ou pressão? Qual o objetivo da luta de reivindicacão? O que seria força de mudança? Qual a diferença entre a luta pela sobrevivência e a luta pela mudança? É possível uma estar na outra? Se sim, como? Se não, por que?

Este trabalho visa contribuir para esta discussão. Tenta, a partir de experiências vivenciadas, mostrar principalmente dois pontos:

1. Que uma experiência de resistência popular, pressão, reivindicação, solidariedade e de denúncia é um instrumento de exercício do poder popular, com possibilidade de ir além de si mesma, ao assumir uma perspectiva de mudança social;
2. Como viabilizar essa superação ou passagem da experiência para além de si mesma.

Não pretendemos trazer respostas acabadas. Felizmente, foi-se o tempo das receitas prontas. O povo, em suas formas de organização, vem afirmando que quer ser tratado como homem, com pensamento próprio. Comparando, não quer ser "jarro", mas "Côco" de onde se tira água. Por isso, você encontrará muitas perguntas, muitas dúvidas, Tanto as perguntas como as dúvidas, como as próprias respostas são tentativas de tantos companheiros em busca de encontrar respostas.

O que queremos mesmo é colocar lenha na fogueira da discussão e da procura. Só na prática e na troca refletida é que se irá encontrando o caminho do caminhar.

Esta é a terceira cartilha da "Série Associação de Moradores". Não sabemos se vocês se lembram das duas outras:

1. Associação de Moradores e a Nossa Vida

2. Quem Vive Participa

É um esforço que estamos fazendo, através do CEDAC, no sentido de alimentar a reflexão sobre a prática para o avanço dos Movimentos Populares. E isto reflete no conteúdo desta cartilha. Reflete o avanço de pessoas e grupos nas suas experiências. Confirma o avanço das organizações populares nos bairros, favelas e vilas. É um instrumento que oferecemos como ajuda, sobretudo, aos trabalhadores que estão lutando, se organizando a partir do local onde moram. É tudo muito ligado aos vários Encontros, Debates e Seminários locais, regionais e nacionais que temos animado nesses anos. Esta ligação repercute, inclusive, no conteúdo das cartilhas. Elas nascem uma da outra, assim: uma provoca uma corrente de reflexões que, passando pela prática dos participantes nas experiências, vão desaguar nos Encontros, Debates e Seminários; nasce outra cartilha que pretende fazer o mesmo caminho e assim por diante. Um verdadeiro mutirão de pensamentos.

O conteúdo, a linguagem desta cartilha está mais difícil, sobretudo para aqueles que estão com menos tempo de ação e reflexão. No entanto, acreditamos que não será empecilho. Muito pelo contrário, se sentirão mais motivados a se

debruçarem sobre as questões e dificuldades que forem encontradas. Contando com a participação dos companheiros descobrirão saídas, indo para além da cartilha, tornando o estudo proveitoso, leve, alegre e portador de esperanças.

Maria Valnê Alves

P/Equipe do CEDAC

Rio, agosto de 1984

1.0. FORMAS DE RESISTÊNCIA E PRESSÃO POPULAR



São inúmeras as formas concretas com que se atualiza a força de resistência e de pressão do povo, manifestadas nas suas tentativas de organização a partir do bairro onde vive, como exemplos:

1. Reivindicação - forma de pressão junto ao Prefeito, Governador, Secretarias de Serviços Públicos, etc., através de abaixo assinados, passeatas, documentos de estudos para conseguir: água, luz, esgoto, transporte, escola, lazer, saúde, segurança pública e outros demais serviços.

2. Resistência à ordem de remoção de casas ou terreno onde vive e/ou trabalha. Boicote ou não aceitação de pagamento de taxas públicas ou ainda resistência ao aumento de prestação de casa própria.

3. Pressão junto aos poderes públicos para a

legalização de terrenos, títulos de propriedade da terra a que por lei e justiça têm direito.

4. Pressão junto aos poderes públicos para a conquista do direito à moradia manifestada em forma de ocupação de casas, apartamentos, terrenos públicos ou privados.

5. Confronto com o poder do Estado em não permitir a destruição de casas ou prédios construídos pelo povo, em não aceitar imposições vindas de "cima", como destituição de Diretorias ou outras formas de confronto.

6. Denúncias contra o aumento do preço de transportes e alimentos, contra a inflação, contra a falta de eleições diretas, contra o desemprego, etc.

7. Apoio efetivo às lutas de outros grupos populares como Fundo de Greve, reivindicações de bairros vizinhos, participação na luta de desempregados como aconteceu em Vitória, Sorocaba e outros lugares.

8. Talvez pudesse ser colocado nesta lista o "MUTIRÃO", forma muito usada para resolver, na solidariedade, problemas vitais da população. A dúvida é se o Mutirão é uma forma de resistência e pressão ou uma forma de colaboração com o sistema capitalista.

Essa lista pode não estar completa. Agora, você vê se completa e, mais importante ainda, você procura ver onde cabe a luta que vocês estão levando na experiência que estão vivenciando.

Todas essas formas de luta variam de uma para outra experiência. Tanto no seu significado como no seu objetivo, como nos seus passos, como no resultado. Cada experiência tem seu jeito e seus caminhos, dependendo das pessoas, do local, e de como o inimigo se apresenta.

2.0. UM EXEMPLO DE RESISTÊNCIA E PRESSÃO POPULAR:

UMA REIVINDICAÇÃO DE AGUA



Em Jardim Primavera, os moradores enfrentavam um sério problema que era a falta de água. A água que consumiam era de poços feitos nos quintais. Algumas pessoas, aproveitando-se da situação, exploravam a população vendendo a lata d'água por preço

exorbitante. Durante anos a população acreditou nas promessas de um vereador eleito pelo bairro como uma troca da água, que através dele nunca chegou.

O povo, sabendo notícias de como alguns bairros estavam solucionando seus problemas, decidiu fundar uma Associação de Moradores, tendo como motivação fundamental resolver o problema da água. A Diretoria da Associação eleita pelos moradores, procurou envolver toda população para que essa tomasse consciência desse problema da falta d'água no bairro e buscasse uma solução. Assim, todos os moradores do bairro receberam a visita de alguém da Diretoria em sua casa. Marcaram uma assembléia para decidir o que fazer. Chegaram à conclusão que a primeira ação seria um abaixo assinado. Foi feito e encaminhado a CEDAE. Lá responderam que iam estudar o problema e resolver logo. Um mês depois no va assembléia para discutir a questão. Tiraram uma comissão para ir a segunda vez a CEDAE e falar com o Diretor. Depois de muitas idas e vindas, de muitas pelejas, foram recebidos por esse, que prometeu que logo mais o povo teria água em suas casas. Nada, nada e nada...

E o povo se reunindo, discutindo, buscando uma saída. Decidiram fazer uma passeata, com a participação até de pessoas dos bairros vizinhos. Muitas pessoas com faixas e cartazes caminharam até a CEDAE. Ficaram na porta até que o Diretor se pro-

nunciasse. Quando disse que só falaria com uma comissão, essa o povo já tinha tirado antes. Só foi se apresentar. A comissão exigiu que o diretor assinasse um papel se comprometendo de atender à reivindicação do povo. Foi feito.

A CEDAE respondeu ao povo, à pressão que lhe foi feita no prazo de quase dois anos.

3.0. ASPECTOS RELEVANTES NAS EXPERIÊNCIAS DE RESISTÊNCIA E PRESSÃO POPULAR

Para olhar mais fundo, chamamos atenção para quatro aspectos que parecem importantes em qualquer experiência de resistência e/ou pressão popular:

1. Os Níveis de Participação
2. Os Passos da Experiência
3. A Gestão da Conquista
4. A "Digestão" da derrota

3.1. NIVEIS DE PARTICIPAÇÃO

Aqueles que entram na luta não têm todos a mesma visão, nem as mesmas motivações. Todos que rem água, por exemplo. O que nem todos têm é a mes

ma finalidade na conquista desta água. Por que você quer conquistar água para o bairro? Daí três níveis de participação:

Primeiro vem a turma do: QUERO ÁGUA PARA MINHA CASA. Sozinho eu não consigo, por isso me junto aos outros. Para conseguir meus interesses eu entro na luta de reivindicação do bairro.



Observando as experiências existentes, podemos dizer que neste nível está a grande maioria das pessoas que entram em uma experiência de reivindicação ou pressão popular. A questão vem depois. O que não se sabe é como essas pessoas vão se comportar caso seja conseguida a água. E em caso negativo a interrogação é ainda mais séria.

Em seguida vem a turma dos: QUEREMOS ÁGUA PARA O NOSSO BAIRRO. Há um pensar para além dos próprios interesses. Aí o coletivo entra como preocupação. Não só como caminho único para conseguir "meus interesses".



7.3. GESTÃO DA PARTICIPAÇÃO

A gente vê que ainda não é muita gente que está neste nível.

Em terceiro grau estão alguns que vêm mais longe. É a turma do ÁGUA É INTERESSE NOSSO. Perce



bem o porque de não ter água no bairro. Que uma coisa é ligada a outra. Faz parte da distribuição desigual dos bens na sociedade dividida em classe. A água não é um problema isolado. Estes que assim pensam têm uma visão global. Enfrentar o problema da água, além de resolver o problema dos indivíduos e do bairro, é um bom instrumento de conscientização e organização para lutas mais amplas.

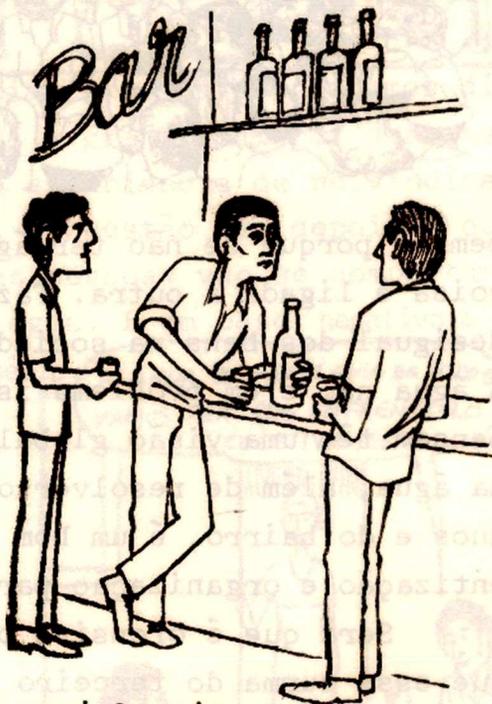
Será que é ofensivo para alguém reconhecer que essa turma do terceiro grau ainda é uma minoria nas nossas experiências existentes?

Em que turma você se qualifica na participação das experiências que vocês têm ou estão vivenciando?

3.2. PASSOS DA EXPERIÊNCIA

Mobilização do povo para despertar para uma ação coletiva. Sabemos que não podemos chegar a uma realização sem uma preparação. A mobilização é a preparação dos moradores para participarem de uma experiência de organização popular. É feita de várias formas, com os mais diversos instrumentos, como: conversas, reuniões, cartazes, faixas, panfletos, etc.

Reivindicação, força de pressão popular que confronta-se com outra força que não é popular. É uma forma de luta para exigir direitos negados, que pode não superar a visão individualista dos problemas do bairro na relação com a realidade social mais ampla.



Vitória ou Derrota. É o resultado imediato da experiência. É o que se constata com ganhos ou perdas de qualquer ação objetivada.

3.3. GESTÃO DA CONQUISTA

Entre a conquista e a gestão há um grande espaço a ser ocupado.

É muito comum acontecer, durante uma luta de reivindicação no bairro, todo um envolvimento da população em torno de uma luta comum. É um tempo de muitas atividades que mantem a população mobilizada. Chegando a alcançar o objeto, a grande massa se desmobiliza, afastando-se contente, achando que já cumpriu o seu papel. O que vem pela frente fica com a Diretoria da Associação ou com a Comissão de Bairro.

O que aconteceu? A conquista foi um exercício de poder de todos. Na gestão esse poder é delegado a uma minoria, ficando o povo alienado do seu poder.

Sérias críticas devem ser feitas a esse processo de delegação.

Na conquista, o poder popular era descentralizado, mas unificado na busca do objetivo comum, com uma responsabilidade relativa conforme os níveis de participação de cada um. Já na gestão, o poder é centralizado na Diretoria ou Comissão. Falta a corresponsabilidade efetiva dos participantes da luta.

Essa delegação de poder, voluntária ou invo-

luntária, leva consigo germes de peleguismo e clientelismo, fenômenos já bastante conhecidos como doenças mortais para a organização e para as lutas populares.

A História mostra que com a concentração de poder se criam elites que transformam o povo em massa de manobra. Com a anulação de seu poder de decisão, o povo torna-se um joguete a serviço dos objetivos e interesses do povo.

Assim como existe o autoritarismo anti-popular existe também um autoritarismo populista. E é para este que correm as águas da delegação.

Além do mais, neste caso qual a diferença entre a diretoria ou comissão e os representantes do Estado ou do Governo? Na prática, repete-se o modelo de dominação da sociedade, tanto nas atitudes da massa como nas atitudes dos que recebem tal delegação. De um lado, a massa entrega o poder e se deixa dominar. E do outro, a diretoria ou comissão delegada abusa do poder e vira "patrão da massa.

3.4. "DIGESTÃO" DA DERROTA

Nem sempre a luta é bem sucedida. E aí, o que fazer? Esse é um grande desafio para as experiências. Será que existe vitória sem perdas e derrota

sem lucros?

Perder uma batalha nem sempre é perder a guerra. Como também vencer uma batalha nem sempre é sinal de vitória na guerra. Como tirar vantagens de uma batalha perdida?

Aí é que entram os níveis de participação. A turma dos interesses individualistas vai ter muita dificuldade para digerir uma derrota imediata. Já os que visam o coletivo vão ter um pouco mais de facilidade em "dar a volta por cima". Quem tem uma visão mais global pode até aproveitar para aprofundar sua visão ou ajudar aprofundar a visão dos outros. Com a derrota num caso particular de reivindicação, pode-se descobrir com mais evidência que os problemas não são isolados, que qualquer problema está ligado com toda a problemática da sociedade.



O importante é saber que não se deve parar diante das dificuldades. E quantas lições não se pode aprender de uma luta, mesmo que não se consiga

vitória de imediato! Foi o que disseram alguns populares com essas frases:

"O importante não é a vitória, mas a luta".

"Na luta é que aparecem os clarões".

"Muitas vezes a gente aprende mais nas derrotas do que nas vitórias. Avaliando as derrotas se descobre onde se errou e o caminho de acertar".

4.0. RESISTÊNCIA E PRESSÃO POPULAR, FORÇA DE MUDANÇA



Muito se tem falado sobre as experiências que se situam no universo dos Movimentos Populares. As opiniões críticas e análises às vezes se diversificam, muitas das vezes são concordes. Parece-nos que muito depende da perspectiva com que são assumidas essas experiências. É preciso ter clareza do que queremos com as ações no bairro.

Como e por que se organizam? Que tipo de relação se criam na dinâmica de enfrentamento das contradições? Essas experiências terminam nelas mesmas ou são meios, espaços que se criam para ir para além delas? Se situam em lutas pela sobrevivência ou em lutas pela mudança social?

Constata-se que todas ou quase todas as experiências de organização dos moradores no bairro se formam a partir de problemas bem concretos vividos pelos moradores, variando de bairro a bairro.

A realidade de pauperização da classe trabalhadora leva os moradores a se organizarem para lutar pela sua sobrevivência. Faltam transportes e os existentes são caros e em péssimas condições. São características comuns dos bairros populares as valas negras, a falta de esgotos, de calçamento, de iluminação e água. Não há escolas para as crianças e quando há são insuficientes para atender a todas. Faltam creches que cuidem das crianças para os pais poderem trabalhar. O problema da moradia é muito grande, tanto por sua qualidade como pela insegurança em que vivem os moradores. São raros os bairros com Postos de Saúde em funcionamento. Isso tudo para dizer somente alguns dos grandes problemas que a população tem que enfrentar.

Daí as experiências de reivindicação de transportes, iluminação de ruas, água, escolas, etc. Daí a resistência de moradores a expulsões ou remoções de favelas etc.. Daí a pressão de moradores por abolição e/ou diminuição de taxas públicas. Daí a apresentação aos poderes públicos de requerimentos e propostas alternativas para a melhor distribuição dos serviços à população dos bairros em que moram.

Essas lutas, feitas das mais diversas formas, são necessárias como busca de soluções imediatas. São também instrumento de aprendizagem dos moradores. Onde se está colocando a ênfase da importância: na busca de soluções ou na aprendizagem? É na ação coletiva, é na luta concreta que o povo aprende, se conscientiza, se organiza. Para isso as experiências não podem ser a finalidade da organização. Não podem terminar em si mesmas. As experiências estão sendo fim ou meio?

Não se pode julgar uma experiência mais avançada do que a outra só pelo nome. É fácil dizer que uma experiência de creche é mais significativa do que a distribuição de sopa a desempregados. Mas, politicamente, isto não diz nada. Os elementos que formam a experiência é que nos iluminam a vê-la criticamente.

Há um avanço nas formas e no conteúdo da par

ticipação. Isto confirma um crescimento de capacidade e condições de o povo organizado, em torno de um objetivo comum posicionar-se no sentido de passar de um projeto pequeno para outro projeto político maior. Parece que a prática nos diz que há momentos de participação mais profunda, nos quais o povo mostra que é capaz de decidir e agir com autonomia. A pergunta é: por que esses momentos não são canalizados num processo? Por que não há capitalização desses momentos?

Temos que construir um novo tipo de poder. Preparar para lutar por esse poder. Só teremos uma nova sociedade quando tivermos o poder do povo.

As experiências estão se confrontando com o poder do sistema, alterando, de algum modo, o sistema ou seja, criando formas de relações libertadoras, democráticas. Nesta perspectiva podemos ver com limitações o papel político dos movimentos populares, no processo de mudança social, reconhecendo a importância, necessidade, a presença de outras forças e formas de organizações que atuam nessa mesma sociedade sem entrarmos nas relações dos movimentos populares com as mesmas.

O Movimento Popular é um meio de base para mudar o político. Devemos ter consciência que o campo político é de todos.

Temos que ocupar espaço e, mais do que isto,

avançar. Não podemos parar nas reivindicações. É preciso passar da luta pelas necessidades e avançar noutras áreas: chegar a uma consciência crítica para saber onde vamos chegar e conseguir mudar o sistema que nos oprime. Do contrário não se avança, repete-se. Fica-se marcando passo e a situação permanece a mesma, embora que com alguns reparos.

Tudo indica que as experiências de resistência e pressão popular têm em seu bojo a semente da força de mudança. Tanto podem parar em si mesmas, como ir além, se superarem no rumo de uma sociedade nova. A questão é: como? Como a semente se transformar em árvore? Como viabilizar a superação das experiências de resistência e pressão popular?

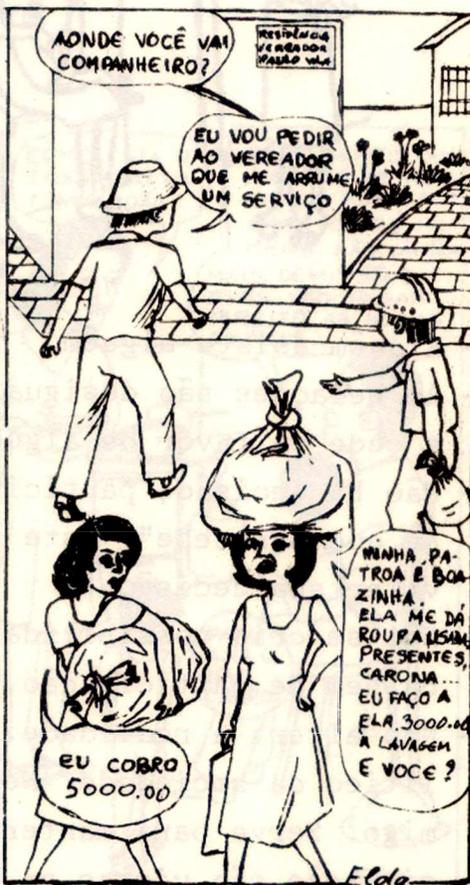
5.0. ASSISTENCIALISMO, REFORMISMO, MUDANÇA

Antes de encaminhar respostas à pergunta chave, é interessante dar uma olhada em algumas características que podem ter as diversas experiências concretas. Essa olhada ajudou muito os participantes de um Seminário, quando estavam discutindo a questão política dos Movimentos Populares.

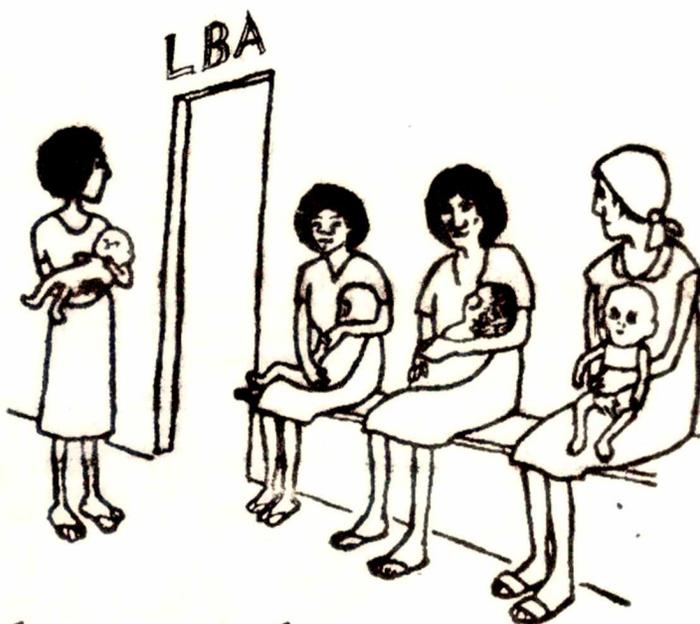
Neste estudo já apareceu a divisão em: lutas pela sobrevivência e lutas pela mudança social.

Agora, vamos ver como a gente pode saber se uma experiência está na linha do assistencialismo, na linha de reformismo e na linha da mudança. Sabendo onde a gente está é mais fácil saber como ir para onde a gente quer ir.

É bom chamar a atenção para o seguinte: assistencialismo, reformismo, mudança não são comportamentos estanques. Na prática, pode haver experiências assistencialistas com aspectos reformistas ou de mudança, como também vice-versa. Um tanque pode ser de uma água e ter colorido de outra, pode ter passagem de um para outro.



5.1. LINHA DO ASSISTENCIALISMO



- Alguém assiste alguém.
- As relações são desiguais. Alguém detém o poder e cede em favor de alguém.
- Não há decisão, participação autônoma por parte de quem "recebe". Este não é sujeito que faça valer sua decisão.
- Não se cria possibilidade de consciência crítica nem de participação.
- Não altera a realidade. Não altera o projeto político da sociedade. Nem chega a detectar o inimigo. Serve para manter o sistema. As causas da situação são vistas no plano individual não no

plano estrutural.

- Não se toca nas formas de produção. O sistema de produção e consumo não é questionado no jogo de relações
- Reforça os vícios de dominação que todos temos.
- As experiências são fins e não meios.

5.2. LINHA DO REFORMISMO

- A preocupação, a organização e a mobilização são para melhorar de vida e não para melhorar a vida.
- A luta é canalizada para a aquisição de serviços. As organizações têm mais o objetivo de juntar forças para poder exigir os serviços públicos.
- Há possibilidade de a ação influir no setor de produção de bens, mas não está ainda re-



relacionada com o processo de produção. O valor trabalho (salário) é encarado como um meio para poder consumir mais (processo do consumismo, favorecido pelo próprio sistema).

- Esconde a lógica do sistema capitalista, sua ideologia e seus mecanismos de controle.
- As contradições do sistema e das experiências da classe trabalhadora não são questionadas com profundidade.
- O questionamento da estrutura de classe, quando acontece, fica no discurso. Mas a prática nega o discurso.
- O individualismo não é superado. É alterado, como necessidade para a conquista dos serviços reivindicados ou da melhoria de vida.
- Os vícios de dominação permanecem, às vezes diminuídos.
- É um jogo de concessões e de poder por parte do sistema e por parte dos beneficiados, sem alterar o sistema.
- O controle é do Estado e não dos trabalhadores.
- Existe um nível de formação, mas em função do objetivo, que é limitado.

5.3. LINHA DA MUDANÇA



- Formação de uma consciência crítica, pela apropriação da realidade e do conhecimento. A realidade é nossa e pode ser por nós transformada.
- Há relação de igualdade, considerando as capacidades e limites de cada um (democracia).
- Conhecimento, informações, participação, saber são socializados.
- Saber o saber é uma forma de poder. Com isto possibilita-se a realização do querer. Socialização do saber e do poder em forma de ação, não somente a nível de discurso.
- Enfrentamento das contradições do sistema e das experiências da classe trabalhadora, segundo o

projeto político da nova sociedade.

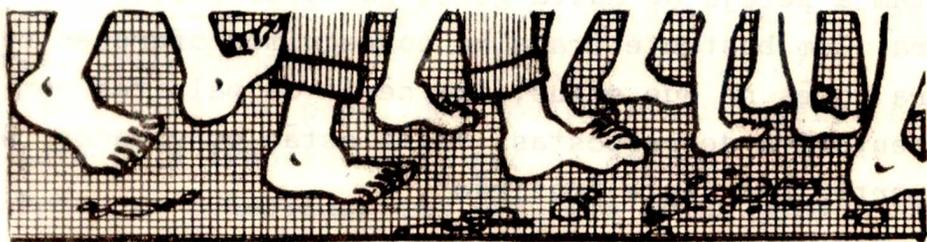
- Relações com autonomia, entre as forças e organizações geridas, assumidas na globalidade com poder de decisão pela classe trabalhadora.
- superação dos vícios de dominação.
- Há uma clareza crescente nos objetivos e na escolha dos meios, que são redefinidos a partir da avaliação da prática: conquistas e perdas, a vanços e recuos, alternativas, perspectivas que vão se abrindo etc..
- Luta pela abolição do capitalismo, pela abolição do Estado: isto significa o exercício da de mocracia plena.
- Socialização da produção, da distribuição e do consumo dos bens e serviços (autogestão).
- Projeto de uma nova sociedade, a partir das experiências concretas da classe trabalhadora que vão se somando.
- Trabalho realizado com visão de futuro. Assim, pode-se passar tanto pelo assistencialismo como pelo reformismo. A coisa não é pura.

Agora, é sua vez: em que linha você coloca a sua ou as suas experiências? Por que? Você nota alguma mistura de linhas nas suas experiências? Do ponto em que está a experiência, dá para divisar caminho mais além? Se sim, em que sentido? Se não por que?

6.0. COMO VIABILIZAR A SUPERAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS ESTRATÉGIA DE AÇÃO

Agora sim, chegamos ao ponto central de nossas reflexões, buscas e até inquietudes. Como fazer para avançar? É uma questão que preocupa a todo mundo que está metido nessa luta dos Movimen - tos Populares.

São muitas perguntas que têm que ser respon- didas como um espaço que se cria na solução desta questão. Devolvemo -lhes algumas de tantas levan- tadas em Seminários e em outros debates.



- Que importância têm as lutas e organizações po- pulares como força e pressão política e como re- presentação de poder popular?
- Como os Movimentos Populares estão reagindo à crise econômica, política e social no sentido de uma proposta alternativa de Sociedade?
- O que queremos com a Associação de Moradores ?

projeto político da nova sociedade.

Podemos querer além do que queremos? Por que?

- Qual o significado político da participação organizada das experiências dos Movimentos Populares como força e poder popular na mudança da realidade do bairro e da sociedade? Como reforçar esse poder popular?
- Que autonomia estão tendo os Movimentos Populares na sua ação?
- Que cheiro de participação se nota nas Associações de Moradores? Que rumo esse cheiro vai tomando? O que podemos fazer para ir aumentando esse cheiro na nossa ação?

Não é de hoje que essas preocupações alimentam a peleja de muita gente por esse Brasil a fora. Com bastante trabalho conseguimos oferecer para vocês no que segue, uma série de palpites com tentativa de respostas. Vocês estão convidados a participar deste "mutirão".

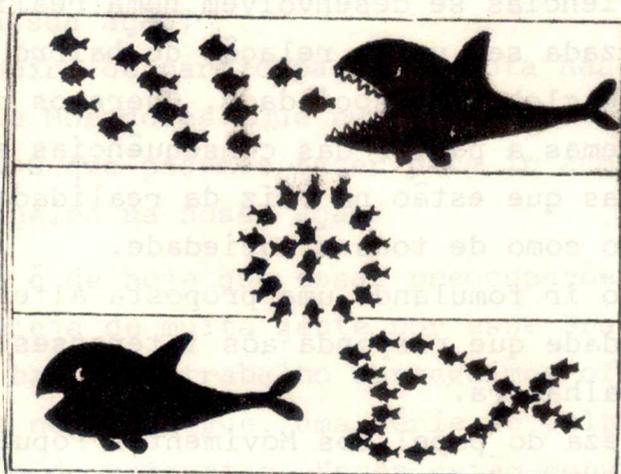
6.1. OLHAR LONGE E VER FUNDO

- O objetivo é o ponto de orientação da experiência.
- É necessário ter clareza do objetivo da experi-

ência que deve ser redefinido no decorrer da mesma.

- A maioria de nossas experiências visa somente a solução de um problema imediato como a falta de transporte no bairro. Não devemos parar aí. É preciso manter junto, na mesma luta o objetivo imediato e o de longo prazo. Assim, esse pequeno objetivo já é parte do grande objetivo.
- As experiências se desenvolvem numa realidade particularizada sem ver a relação do bairro com a realidade global da sociedade. Queremos resolver os problemas a partir das consequências e não das causas que estão na raiz da realidade tanto do bairro como de toda a sociedade.
- É preciso ir formulando uma proposta alternativa de sociedade que responda aos interesses da classe trabalhadora.
- Ter clareza do papel dos Movimentos Populares na luta pela transformação social radical.
- Procurar consolidar uma proposta comum para os movimentos sociais.
- Começar a clarear o que é essa mudança. Começar a entender o que será essa nova sociedade e o nosso papel nessa mudança.
- Buscar nossos direitos mesmo que não estejam apresentados na legislação do país.
- A soma das visões aumenta as forças. Abre espaço, caminho para onde queremos chegar.

- Unificar as ideologias dos Movimentos Populares ou seja, afinar os pensamentos e as práticas.
- O que queremos mesmo é viver; ser gente. Essa vida que levamos não é vida de gente e temos que achar uma solução antes que seja tarde demais.
- Temos muito chão pela frente e nem sempre conhecido. mas com a união e organização da classe trabalhadora poderemos ir mudando a realidade e a vida.



6.2. ATACAR O INIMIGO

- Descobrir o inimigo comum, para acertar melhor o alvo na luta, para não desperdiçar esforços e para ver com quem se aliar.
- A força do poder está sempre atenta em nossas ações para derrubar nossos direitos, nossa força. Eles chegam sempre primeiro que nós. Não deixar que eles se apropriem de nossos conhecimentos, nem de nossa força.

- Não ficar só no discurso da lógica do sistema. O avanço é dificultado porque se trabalha dentro da mesma ideologia do sistema.
- Identificar onde nossa ação está abalando o processo do inimigo. Usar instrumentos que, às vezes, o próprio sistema oferece. Aproveitar as brechas que muitas vezes nos passam despercebidas.
- Não nos enganemos com o inimigo. Esse sistema é organizado para poucos explorarem muitos. Está sempre se adaptando às necessidades do momento para cumprir a sua finalidade.
- Buscar meios de superação do individualismo, autoritarismo, clientelismo e outros vícios mais que aprendemos desse tipo de sociedade em que vivemos. O inimigo se aloja também dentro de nós.



6.3. ENCONTRAR CAMINHO E LUZ

FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

- Assumir com seriedade um trabalho de formação política para entender o sistema e a sociedade como um todo. Geralmente os movimentos populares correm atrás dos acontecimentos.

- Para aproveitar as brechas temos que procurar clarear as contradições do sistema.
- É preciso aumentar o conhecimento e a organização para aumentar a nossa esperança.
- Perceber o gerador das necessidades e carências sociais.
- Essa questão de mudança está ligada a um processo de educação que vem desde o berço. Temos que derrubar a pirâmide que está na nossa cabeça. Por isso deve haver uma frente cultural. É um processo de educação atingindo todos os setores da vida: família, escola, trabalho, grupos, Igreja, etc.
- É preciso termos consciência crítica de nossa história e de nossa cultura. Manter os valores positivos e substituir os negativos por positivos.
- A educação que está aí, deforma em vez de formar. É preciso subverter a ordem pedagógica.
- Criar nossos próprios meios de informação e formação. Precisamos acreditar nas nossas capacidades de criação e mudança.
- Promover mais seminários de formação em todos os níveis: local, municipal, regional, nacional.
- Avaliação da caminhada histórica dos movimentos populares é fundamental para a formação no sentido do avanço. Tanto a caminhada localizada na

experiência individualizada, como a caminhada em termos de Brasil e de Mundo.

- Definir com mais critério o conteúdo e método da formação de modo a fazer avançar a apropriação do saber pelos populares objetivando uma elaboração de suas próprias análises.
- Como as atividades que se costuma fazer nos movimentos populares, tais como: encontros, reuniões, assembléias, visitas, festas, angus, "Ato Público, passeatas, teatro, cartazes, faixas, audio-visuais, etc. podem servir como instrumentos de formação? Como ampliar os instrumentos que vocês já usam?

6.4. REIVINDICAR SIM... MAS REIVINDICAR BEM

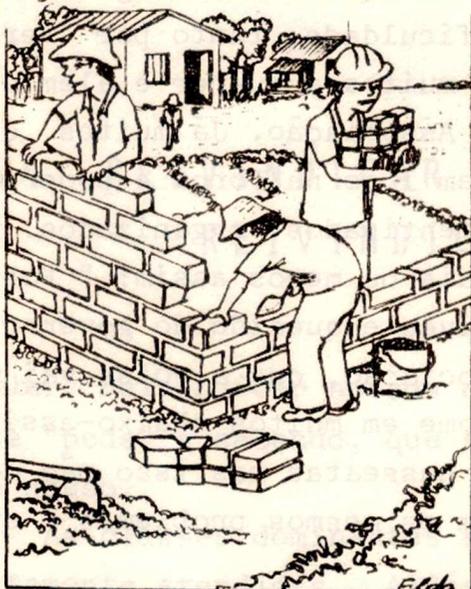
- Saber reivindicar nossos direitos sabendo o que se "pede" e sabendo, que se reivindica o que é nosso.

As classes dominantes reivindicam e são imediatamente atendidas. Aliás, são elas as donas de

tudo, quem decide tudo. Quando nós reivindicamos as autoridades acham que estamos pedindo. O rico não pede, exige. O pobre pede e ainda não "ganha". - Melhor preparação das reivindicações. De nada adianta reivindicar quando não temos consciência de nossa força de pressão, de nossas capacidades e limitações. Sabemos que muitas reivindicações são decididas sem quase nenhuma preparação. Sem participação democrática dos moradores, sem consciência do significado real de uma reivindicação, sem encarar as possibilidades de ganhos e perdas.

Os moradores que são chamados a participar de uma reivindicação têm comumente comportamentos diversificados. Uns acreditam que vão conseguir o que querem sem muita dificuldade, tanto por terem direito como porque são muitos a querer e além disso estão organizados em Associação. Já muitos outros de cara desacreditam logo na força e poder dos moradores unidos, conscientizados, organizados. Estes reagem com frases mais ou menos assim: "Pobre não tem força. Sempre viveu esquecido do governo e não é hoje, com uma Associação, que a coisa vai mudar". "Já assinei meu nome em muitos abaixo-assinados e até participei de passeatas mas isso não deu em nada. Continuamos com os mesmos problemas que estão é piorando".

- Mobilização participativa dos moradores para que desde o princípio já exista uma prática democrática, que tanto dá mais força para a conquista como facilita que a reivindicação não seja propriedade de algumas lideranças.
- Fazer das reivindicações um meio e não um fim.
- Fazer das reivindicações ocasião de conquista e formação. Com as lutas se acelera o processo de atendimento aos bairros. Saindo deste plano, indo para uma perspectiva de mudança devemos dar informações aos moradores. Pelas nossas experiências, observamos que se perde muito tempo com reivindicações. É interessante perguntar: Que lutas devemos desenvolver? Que formas de organização assumir?



6.5. O MUTIRÃO EM QUESTÃO

- Mutirão leva a uma participação maior dos moradores, a sentir que estão fazendo uma coisa juntos

6.6. POLITICA DE PROCISSÃO? ... ESSA NÃO É
e para todos.

- Fazer mutirão, mas com consciência crítica, sabendo que está fazendo o que é de dever do governo.
- Em São Paulo o governo reuniu os dirigentes das Creches e Associações e colocou a proposta de Mutirão. O pessoal trabalha de graça, leva a sua comida e as ferramentas. Experiência positiva para os cofres públicos. Eles utilizam o pessoal para fazer aquilo que não querem pagar.
- Água foi conseguida em mutirão. Foi uma forma da gente se conhecer e se fortalecer na associação.
- O mutirão pode ser uma forma de atrair a população para tomar consciência da realidade em que vive e de unidos procurarem uma saída.
- O povo não gosta só de reuniões. Quer ver algo concreto que pode iluminar o sonho que está na cabeça de cada um.
- O mutirão tanto pode ser positivo como negativo. Agora, é preciso estar alerta para que o governo não se aproveite do trabalho do povo e ainda ponha placa dizendo que foi ele quem fez quando quem fez foi o povo nas horas em que podia estar descansando ou cuidando da família.
- O trabalhador paga impostos é para ter direito à luz, água, saneamento básico, transporte, escola, etc.. Mas o governo pega nossos impostos e

- só gasta com benefícios para os ricos. No nosso bairro para termos condição de caminhar foi preciso cuidarmos das valas, em algumas ruas colocando manilhas, tudo como trabalho de mutirão. Isto é injusto, mas foi o jeito que encontramos de sair de casa, sobretudo quando chove.
- O governo é sabido. Descobriu que com o trabalho de mutirão pode ir acalmando o povo nos seus problemas.
- A experiência de mutirão no meu bairro foi muito positiva porque fizemos dele um curso de conscientização que muito ajudou a todo mundo a participar de outras lutas. Se trabalhava mas também se pensava, avaliava, criticava o que se fazia e muitas coisas aprendemos.

6.6. POLITICA DE PROCISSÃO?... ESSA NÃO !



- Vai ter cheiro de participação quando a gente se sentar, refletir, ver como agir juntos. Trabalhar em cima das idéias para decidir jun

tos e agir a partir desse encontro de idéias.

- Se só umas poucas pessoas assumirem, naturalmente não temos dignidade de cidadão.

- O presidente da associação é força, mas a força maior está nos moradores. Uma Associação não pode trabalhar apenas para agradecer a Diretoria, mas para servir a todos os moradores.

- Para a participação dos moradores dos bairros adotamos o sistema que é: representante em cada rua. Os representantes são elos de ligação entre os moradores da rua e a associação. As propostas vêm do diálogo desses representantes com os moradores e não da Diretoria.

- A mobilização está mais significativa com a participação maior do povo. As Associações estão

se tornando mais democráticas.

- Ninguém deve se sentir dono da verdade. Deve-se ter a humildade para aprender como o povo que julgamos saber menos do que nós.
- Temos que resistir ao poder, à tentação de envolvimento pelo desejo de poder. Quem "perde" não deve ficar magoado. É preciso saber perder e ganhar, do contrário não existe democracia dentro de nós, ou seja: estar ali para contribuir para uma mudança e não porque queremos chegar à direção.
- Democracia não existe se só existir o poder individual. Podemos ter um grupinho de pessoas que pensam em comum. Isto não é democracia. É política de procissão: quatro carregam o andor e o pessoal atrás vai rezando.
- Não acumular funções concentrando força e poder em poucas pessoas e tomando o lugar de outras pessoas que poderiam também contribuir numa divisão justa de responsabilidades.

6.7. TRABALHO DE GARIMPEIRO

- Na situação atual, de que maneira fazer um trabalho excluindo de vez o assistencialismo? Todo

trabalho comunitário é uma caminhada. No trabalho que fazemos a gente sente muitas vezes para discutir isto: De que maneira trabalhar com famílias desempregadas, desnutridas, sem passar pelo assistencialismo? Não podemos começar com a mudança. Vamos ter que fazer como garimpeiro na busca do ouro.

- No meu bairro tem quatro clubes de mães, ainda na linha do assistencialismo, nem se quer de reforma. Mas eu estou lá porque acho que devo fazer um trabalho. Fiquei dois anos questionando o assistencialismo e elas reagiam dizendo que eu não tinha caridade. Depois fui chamada a fazer parte de outro clube. Agora, aproveito tudo para provocar debates sobre temas de conscientização. Por exemplo, no dia das mães: o que significa o Clube de Mães? Se passamos fome é porque o salário de nossos maridos é injusto. Levanto também questões no sentido da organização popular.

A igreja descobriu a gente agora e nos convida para grupos de jovens, trabalho com crianças e a gente vai.

- Procurar estratégia para chegar às pessoas. As pessoas do bairro, às vezes não aceitam uma palestra política, uma reunião ou um debate. Temos que descobrir um jeito correto de trabalhar com elas, respeitando suas limitações e capacidades,

- como também provocando o avanço no trabalho.
- É preciso saber como participar do processo de conscientização dos moradores. Ser criativo, sabendo lançar mão de meios sadios e democráticos.
- Aprender a levar nosso saber aos outros. Passar nossas experiências ao pé do ouvido uma vez que não podemos contar com os meios de comunicação do sistema.
- Acreditar nas pequenas ações e não se influenciar pelas grandes idéias.
- Fazer coisas por etapa para não nos perder nas reivindicações, isto é: estabelecer diretrizes, priorizando atividades.
- Respeito a diversidade de opiniões e opções políticas.
- Descobrir os espaços onde se tenha condições de desenvolver uma experiência de luta popular.

6.8. ISOLAMENTO É DERROTA CERTA

- A nova sociedade não surge de práticas isoladas. É preciso trocar com outros, articular as experiências.
- Precisamos assumir lutas unificadas. É um proce

so de acumulação de forças. A nossa história de vida vem nos mostrando que, a nível de experiências isoladas não se consegue nada. Conserva-se o sistema.

- O movimento popular avança em termo de consciência de classe. O movimento de bairro é muito heterogêneo pela diferença de visões. Daí a necessidade de entrosamento entre movimento operário e movimento popular. Não podemos esquecer que a libertação deve ser de toda a classe trabalhadora.
- Para o avanço é necessário uma ascensão coletiva da classe popular. Tem que ser sobretudo um salto qualitativo e não quantitativo. Daí a urgência de ter técnicas e conteúdo para desenvolver o espírito do coletivo.

6.9. NÃO PERDER A IDENTIDADE

- Autonomia em relação: a outras experiências, aos partidos políticos, ao Estado, à igreja, etc.

Uma escola foi recuperada com pressão popular. O governo e a Igreja local capitalizaram e

trouxeram o projeto pronto do Centro Cultural. O povo se mobilizou em comissão de pais, professores, alunos e moradores. Juntos rejeitaram o Centro enquanto não tivesse discussão na comunidade para uma tomada de decisão coletiva.

- Às vezes a diretoria da Associação embarca nas amabilidades, cria divisões com envolvimento político partidários.



- Autonomia não significa corte de relações. Quer dizer segurança de pensamento e decisão tanto dentro da experiência como no encontro com outras experiências e instituições. Nessas relações é que se revela o exercício do verdadeiro poder de decisão. "A coisa é nossa".

- Numa reunião convocada pela direção da Fábrica para tratar de insatisfação com relação à comida e

salubridade o chefe de setor falou bastante para os operários. Depois de dar muitas explicações e justificativas perguntou se alguém queria falar. Os operários se mantinham em silêncio cauteloso. Diante da insistência do "Doutor" para que alguém falasse o Manuel saiu-se com esta: "Doutor, estou notando uma diferença. Lá nas nossas reuniões do bairro todo mundo quer falar. Precisa a té se inscrever: lá, a coisa é nossa."

- Os movimentos populares podem contar com o apoio das instituições, mas as decisões devem partir das bases.
- Conquista não é negociação. Ao conseguir uma vitória qualquer os grupos populares demonstram sua força de enfrentamento do Poder. Eles são vivos e sabem "dar a volta por cima". Vão querer esva-ziar o poder popular que foi exercido. É preciso estar atento para não se deixar enrolar.
- A partir dos trabalhos, preparar debates procurando nos tornar auto-suficientes na organização.
- Procurar se convencer da necessidade de desobe- diência civil para a criação de uma nova legali- dade que responda aos interesses dos movimeto s populares. Desobediência que se faz através de:
 - . quebra da legalidade do sistema
 - . criação de formas que vão no rumo de uma nova sociedade

. confrontação com a ordem estabelecida, através da revolução como processo dialético.

- Não somente ocupar espaços, mas comprometer - se em abrir novos espaços.

- Cuidado com os chavões. A educação política não vem a partir de chavões, mas a partir de pensamentos próprios tirados de dentro de cada um, através da discussão e avaliação da prática.

6.10. NÃO RENEGAR O PASSADO

- Criar formas de avançar para atingir os objetivos de mudança, aproveitando o que existe e amadurecendo a consciência crítica.

- Muita coisa acontece e não é avaliada, repensada. Na avaliação a gente descobre onde acertou e onde errou e descobre ainda o caminho a seguir.

- É preciso achar tempo e disposição para a crítica e auto-crítica. Às vezes falta-nos a crença nos outros e em nós mesmos.

- Não dizer: "Não tem jeito". Fazer acreditar novamente.

- Ser mais ambicioso no que se quer. Na nossa ação precisamos ser mais teimosos e atrevidos tanto para caminhar com mais segurança como para irmos

mais além.

- Acreditar no que estamos fazendo e ir registrando os "saldos" conquistados.
- É comum esquecermos a caminhada que fizemos para chegarmos onde estamos. Daí a nossa impaciência com os outros. Ou ditando para eles o que nós já descobrimos ou dizendo que o povo não entende.
- Somos cheios de contradições. Nem sempre o que pensamos ser o melhor, é realmente o melhor para o povo. Quem é que sabe mesmo o que é bom para o povo se não o povo mesmo?
- Será que uma das grandes contradições dentro de nós não é o vício da dominação que se manifesta no dia-a-dia de nossa prática?
- Como podemos descobrir e superar nossas contradições sem uma avaliação constante?
- Avaliação não é destruir o passado. É trazer para o presente uma história que é semente, plantando um futuro que se quer construir na esperança.

6.11. SOMOS SERES HUMANOS

- O lazer é importante. Não se pode viver só de trabalho e luta.
 - Para socializar o ter e o saber precisamos socializar o nosso ser. Contar nossas vidas para ser força.
 - Não façamos de nosso engajamento uma forma a mais de escravidão. Passar o fim de semana com a família, visitar os amigos, os papos no butiquim, as festas, o futebol, etc. são direitos que têm todo trabalhador.
 - Na esperança de um futuro de liberdade para os que vem depois, renunciemos a uma parte destes direitos. Os domingos que roubamos de nós e de nossas famílias são sementes que cultivamos para que todos um dia possam ter seus fins de semana com plena liberdade.
- Muitas vezes filhos de engajados rejeitam dramaticamente o engajamento dos pais. O que isto significa? Por que acontece isto?

7.0. CONCLUSÃO

Certo que ainda há muito chão pela frente, muitas lutas a serem conquistadas. No entanto, temos que admitir que estamos caminhando, caminhando. Como dizia um membro de uma Associação de Moradores: "Noto que está havendo mais participação nas lutas e que estamos avançando no rumo de um objetivo maior. Também a Associação está sendo mais democrática."

É bom verificar que estamos assumindo uma metodologia de trabalho, que em síntese caminha mais ou menos nesta direção:

- os moradores se conscientizam na participação real na Associação;
- se organizam na organização da Associação;
- reivindicam tomando decisões, exercendo saber e poder popular. Assim, se apropriam da realidade para além do bairro, Estado - Sociedade como um todo;
- descobrem os mecanismos da classe dominante, ao mesmo tempo que criam seus mecanismos de poder;
- mudam o bairro, avançam no exercício de sua cidadania e contribuem na mudança do município, estado, país;
- descobrem-se como classe no processo contínuo de libertação construindo a NOVA SOCIEDADE.

CEDAC - CENTRO DE AÇÃO COMUNITÁRIA

Av. Rio Branco, 277 / 1007 - Tel: 220-9699

20040 - Rio de Janeiro - RJ